

**Conteúdo extra**Veja slide show e assista a vídeos desta reportagem nos tablets e em
www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/infancia-sem-copa/

INFÂNCIA SEM COPA



» POLÍTICAS PÚBLICAS

Rede prova ser possível resgatar as vítimas da prostituição

Trabalho em equipe, profissionais engajados e programas eficientes abrem novas perspectivas para adolescentes submetidos à exploração sexual

por MAURI KÖNIG
fotos ALBARI ROSA

O ex-michê Leonardo é um bom exemplo de como dá para salvar vidas com políticas públicas quando um governo concede ao assunto a devida importância. Ele, dito por ele mesmo, um sobrevivente das ruas. Metido no pior dos mundos — o da indiferença —, estava às portas do inferno. Chegou a pensar ter perdido a cartilagem do nariz após uma semana trancado num motel, cheirando cocaína e submetido às servícias de um grupo de turistas. Tinha só 16 anos e já contava dois de experiência no submundo de Fortaleza. Eis que apareceu a turma da busca ativa, esse pessoal que entrega seus dias para salvar uma gente dada como perdida.

Uma noite, apareceram dois sujeitos enquanto Leonardo fazia a pista numa rua do bairro Álvaro Weyne. A Kombi de onde desceram trazia na porta a logomarca da prefeitura de Fortaleza. A presença deles despertava suspeita, até repulsa. Os educadores sociais do Programa Ponte de Encontro começaram a dizer a que vieram. Porque a sensação de não tirar proveito daquela conversa concorria para concluir que estava perdendo tempo, Leonardo tentava abreviar as conversas em respostas monossilábicas. Imaginou estar seguro com algumas explicações evasivas, a menos que os outros fossem demasiado insistentes. Era o caso.

Esse pessoal não é de desistir fácil. Sorte de Leonardo. Ao cabo de seguidas sema-

nas de conversas, ele ficou convencido de que aqueles caras queriam mesmo ajudá-lo. Há um ano foi incluído no Projeto ViraVida, do Sesi (Serviço Social da Indústria). Largou as drogas e a prostituição. Em dezembro, concluiu o curso profissionalizante. Leonardo se tornou aliado dos educadores sociais no resgate de crianças e adolescentes submetidos à exploração sexual. Um dos recursos é mostrar que eles são agentes da própria mudança. “Não fazer para eles, mas fazer com eles”, define o supervisor de abordagem de rua, Rafael Agostinho Araújo.

Turma incansável

Todos os dias, seis educadores sociais percorrem os dez locais de Fortaleza com maior incidência de exploração sexual de crianças e adolescentes, mapeados pela socióloga e professora da Universidade Federal do Ceará Glória Diógenes. Levam preservativos e uma boa dose de disposição para falar durante horas com jovens na mesma condição em que Leonardo se encontrava. O programa de que eles participam é uma das várias ações de um notável exemplo de política pública de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes.

A abordagem de rua resulta em serviços como espaços provisórios para meninos e meninas, de forma a promover e garantir o direito à convivência familiar e comunitária e articular a qualidade de vida, com oportunidades de capacitação para o trabalho. Já o Programa Rede Aquarela dispõe de abrigo para vítimas de tráfico para fins de exploração sexual, além de atendimento psicossocial a vítimas de violência sexual e suas famílias. Também as acompanha na delegacia especializada e nos depoimentos na 12.^a Vara Criminal, para a escuta de crianças e adolescentes por meio do depoimento sem danos.

* Nome fictício.



Educadores sociais do Ponte de Encontro abordam jovens no bairro Álvaro Wayne, em Fortaleza, junto com o ex-michê Leonardo.

Grupo traça projeto de vida para jovens

Em 1986, um grupo voluntário começou a fazer incursões pela periferia de Fortaleza atrás de crianças em situação de rua. Mapeou os pontos de maior concentração e passou a fazer visitas domiciliares, estreitou uma relação de confiança e traçou com as famílias um projeto de vida para os filhos. Levava esperança, no-

ções de cuidados pessoais e uma proposta de qualificação profissional. Anos mais tarde, em 2008, um novo problema bateu à porta. Desde então, a Associação Barraca da Amizade passou a trabalhar com vítimas e potenciais vítimas da exploração sexual infanto-juvenil.

Dos 168 casos atendidos pela ONG desde então, o



Projeto da Childhood forma 440

Em dois anos, um projeto da Childhood Brasil, em parceria com a Plan Brasil/Holanda e o Senac, conseguiu incluir no mercado de trabalho 85% dos 440 jovens formados nos cursos de gastronomia e hotelaria em sete cidades do litoral sul de Pernambuco. O curso é voltado para jovens de 16 a 26 anos em situação de vulnerabilidade social e conta com apoio do Ministério do Turismo. Numa aula-vitrine, os alunos mostram o que aprenderam para empresários, que recebem um banco de currículos para chamá-los para entrevista de emprego.

Jovens Mobilizadores faz parte de um dos módulos do Curso de Formação Participativa para Prevenção à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes no

litoral Sul de Pernambuco, do Projeto Turismo e Proteção à Infância, realizado pela Childhood Brasil em aliança estratégica com a Plan Brasil/Holanda e em parceria com o Coletivo Mulher Vida. Eles têm seis meses de curso, com aulas práticas e teóricas de gastronomia e turismo (como as adolescentes da foto acima), além de aulas de cidadania, direitos humanos, empreendedorismo e prevenção à exploração sexual. O objetivo é a formação continuada dos jovens estudantes. “Este encontro prepara jovens protagonistas para atuarem na mobilização comunitária sobre a prevenção ao abuso e à exploração sexual. A ideia é que esses jovens se tornem multiplicadores dessas informações e contribuam para a sensibilização de outros adolescentes e crianças de suas escolas”, diz Gorete Vasconcelos, coordenadora de Programas da Childhood Brasil.

mais novo tinha 11 anos e o mais velho, 25. A maioria tem de 16 a 22 anos. Quatro entre dez atendidos mudaram de vida, mas 45 adolescentes ainda estão sujeitados à exploração sexual nas ruas. Assim, uma das ações da associação é a política de redução de danos, com orientação sobre doenças sexualmente transmissíveis e distribuição de preservativos. Parte dos adolescentes é incluída no projeto ViraVida, do Sesi, e recebe uma bolsa de R\$ 500 como incentivo à profissionalização e à fuga das ruas. (MK)

Projeto do Sesi está presente em 16 estados

Presente em 16 estados, o Projeto ViraVida é a iniciativa de maior abrangência no atendimento a vítimas da exploração sexual. Criado pelo Sesi para jovens de 16 a 21 anos em situação de exploração sexual, o projeto já teve mais de 2 mil matriculados, metade em processo socioeducativo (em sala de aula), mais de um quarto inserido no mercado de trabalho, além dos que estão em formação.

Uma vez selecionados, os jovens se inscrevem em cursos de capacitação, de 6 a 11 meses de duração. Os cursos oferecidos são de Gastronomia, Criação e Moda, Cabeleireiro, Agente e Produção de Eventos, Recepcionista com Aperfeiçoamento em Serviços de Saúde e Comunicação Digital Básica. Todos com módulos que contemplam vivências profissionais e oficinas de sensibilização, capacitação profissional, disciplinas transversais que debatem ética e meio ambiente, além de noções de cooperativismo e autogestão.

ORÇAMENTO PÚBLICO

ONGs se unem para reduzir riscos trazidos pela Copa e Olimpíada

Pela primeira vez, redes de defesa dos direitos de crianças e adolescentes de todo o país vão trabalhar unificadas como grupos de pressão para cobrar maior presença da infância no orçamento da União, dos estados e municípios. Em agosto, 80 organizações do setor discutiram em Brasília maneiras de atuar juntas para fazer frente aos riscos que a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016 podem representar às crianças e aos adolescentes. As propostas do encontro serão sistematizadas em um plano estratégico que servirá de base para atuação das redes nacionais em âmbito nacional, estadual e municipal.

As organizações chegaram a três propostas consensuais: 1) fortalecer a rede de proteção nos estados e municípios; 2) monitorar os orçamentos públicos para fiscalizar os gastos nos megaeventos e os valores destinados às políticas públicas para a infância; 3) criar uma campanha nacional unificada com foco nos direitos infanto-juvenis no período dos eventos. As redes também vão produzir um documento a ser entregue ao Ministério da Educação sobre o direito à educação durante a Copa, diante da preocupação de violação desse direito durante a realização do evento. O encontro em Brasília foi uma busca pela unificação dos movimentos pela infância, já que ao longo do tempo as redes foram se formando de maneira descentralizada. Outro reflexo desse trabalho conjunto será o mapeamento do cenário das violações dos direitos das crianças e adolescentes, necessário para identificar e criar estratégias mais efetivas de enfrentamento ao problema. (MK)

“O que pretendemos mostrar é que não vamos fazer para eles, mas fazer com eles.”

Rafael Agostinho Araújo, supervisor de abordagem de rua.



Serviço

O projeto que deu origem a esta reportagem, iniciada no domingo e que termina hoje, foi vencedor da Categoria Temática Especial do 6º Concurso Tim Lopes de Jornalismo Investigativo, realizado pela Andi e Childhood Brasil (Instituto WCF), com apoio do Unicef, da OIT, Fenaj e Abraj.